



GT 046. Música, Som e Formas Expressivas

Wagner Neves Diniz Chaves (Departamento de Antropologia Cultural/UFRJ) - Coordenador/a, João Miguel Manzollilo Sautchuk (DAN/UnB) - Coordenador/a

Expressiva, comunicacional e performativa, aglutinadora de múltiplos conhecimentos, significados e agenciamentos, a música é um campo fértil para investigação antropológica de um conjunto de temas e questões, possibilitando o diálogo entre diferentes nichos dos debates antropológicos, tais quais etnomusicologia, etnologia indígena, cultura popular, patrimônio, antropologia urbana, antropologia do Estado e análise de rituais e performances. Apostando na relativização da noção de música como categoria analítica e partindo da superação do antigo dilema que apartava análise dos aspectos sonoros e interpretação dos sistemas de pensamento e ação, este Grupo de Trabalho volta a atenção para as conexões entre múltiplos aspectos das práticas musicais e produções sonoras e seus significados sociais, principalmente as relações da música com outros meios expressivos e práticas sociais, e as dimensões técnicas e práticas do fazer musical. Tendo em vista esta perspectiva geral, pretende-se explorar os seguintes eixos temáticos: 1) música e linguagem; 2) interação no fazer musical; 3) teorias musicais nativas; 4) música, ritual e performance; 5) mediação, apropriação e identidade; 6) gravação, representação fonográfica e arquivos; 7) paisagem sonora.

O brilho do maracá: chocalhos, cantos-rezas e seus registros entre os Kaiowa e Guarani (MS)

Autoria: Tatiane Maíra Klein

“Os selvagens crêem numa coisa que cresce como uma abóbora”, diz a clássica descrição dos maracás tupinambá feita por Hans Staden, no século XVI, recuperada na etnografia de Deise Lucy Montardo (2009) e em tantas outras sobre povos tupi. O work de Montardo revela o mbaraka kaiowa como uma pessoa: “Os instrumentos musicais são seres que requerem um contexto para seu efetivo emprego e um tratamento adequado para que exerçam suas qualidades”, afirma a autora (p. 162). Outros artefatos do xamanismo kaiowa e guarani, como takuapu, mimby, guyrapa*i*, ainda que categorizados como instrumentos musicais, são dotados de estatutos ontológicos próprios. O mbaraka comumente descrito pelos Kaiowa e Guarani em Mato Grosso do Sul como “celular para falar com Ñanderu”, aparece naquela etnografia como um mestre que ensina a cantar o jeroky (p. 170), enquanto guyrapa*i* ensina os kotyhu e guahu, outros gêneros musicais kaiowa. Já mimby apyka serve aos rezadores para “avisar Pa*i* Kuara (Sol) onde estão” (p. 175), funcionando como uma linha telefônica cujo toque é ouvido pelos deuses. Os registros em vídeo e áudio de cantos-rezas também possuem agência e capacidades específicas de comunicação, segundo os interlocutores da pesquisa de doutorado que atualmente desenvolvo junto ao PPGAS/USP. Neste texto apresento algumas reflexões preliminares sobre estes artefatos, em especial o mbaraka, os cantos xamânicos e seus registros em áudio e vídeo, partindo tanto de diálogos com xamãs kaiowa e guarani sobre o tema, quanto de etnografias que enfatizaram o papel dos chocalhos no xamanismo de povos tupi-guarani. Investigando o mbaraka dos Kaiowa e Guarani atuais em comparação com outros destes instrumentos de mediação por excelência (LÉVI-STRAUSS, 1967), busco descrevê-los como tecnologias de comunicação.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

